

EXPLORANDO O TEXTO VISUAL EM SALA DE AULA

EXPLORING VISUAL TEXT IN THE CLASSROOM

SARA OLIVEIRA*

RESUMO: Escolhas são ideologicamente construídas. Imagens são fruto de escolhas. Portanto, as imagens são uma maneira ideologizada de representar tanto o mundo que nos cerca quanto as intenções daqueles que as produzem. Que situações de aprendizagem devemos oportunizar para nossos alunos, que funcionem como contra-estratégias eficazes às escolhas ideologizadas dos produtores midiáticos e hipermediáticos de mensagens visuais da sociedade contemporânea? A proposta deste trabalho é explorar o viés dos novos letramentos, os quais incluem, dentre outras coisas, o desenvolvimento de habilidades para a compreensão e geração de textos visuais. Para tanto, discutimos o conceito de letramento visual e que recursos semióticos são utilizados no texto visual para a criação, estruturação e legitimação de relações sociais. A fundamentação teórica está baseada na semiótica social, de Kress & Van Leeuwen, cujos *insights* orientam a análise de uma foto jornalística apresentada no final deste trabalho.

Palavras-chave: Letramento crítico; texto visual; comunicação.

ABSTRACT: Choices are ideologically constructed. Images are fruit of choices. Therefore, images are an ideological way to represent both the world around us and the intentions of those who produce them. What learning situations should we create that could work as effective counter-strategies to keep our students' own choices as independent and unbiased as possible in the daily ideological bombing they are submitted by media and hypermedia in the contemporary society? The purpose of this paper is to explore the new literacies that could provide students with the necessary skills to understand and generate visual texts. In order to do that we discuss the concept of visual literacy and what semiotic resources are used to the production and strengthening of social relations. The theoretical foundation is based on Kress and van Leeuwen's social semiotics, whose insights orient the news photo analysis accomplished in the last section of this work.

Keywords: Critical literacy; visual text; communication.

* Doutora em Inglês e Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Catarina, Professora da Universidade de Brasília

INTRODUÇÃO

Este trabalho fundamenta-se no princípio geral da confluência como forma de maximizar recursos e possibilidades de aprendizagem. Tal conceito, tendência importante na década passada e início desta, busca uma integração interdisciplinar que possibilite o compartilhamento de perspectivas para o entendimento e fortalecimento de questões diversas, unindo o currículo escolar e a vida real “lá fora”, em todas as suas áreas de atuação.

Nesse contexto, os conceitos e orientações teóricas provenientes das práticas do New London Group (Kope; Kalantzis, 2000) sobre letramento, bem como da abordagem semiótico-social de Kress & van Leeuwen (1996, 2001), fornecem os *inputs* importantes e necessários para a discussão que pretendemos estabelecer aqui a respeito do letramento visual e da necessidade de sua inclusão no currículo escolar. Tal inclusão poderia ser vista como uma forma de redimensionar a ênfase posta na linguagem escrita, a qual estamos acostumados na escola tradicional, em relação a outras formas de comunicação semiótica. O objetivo é o de oferecer subsídios práticos para o estabelecimento de um suporte pedagógico abrangente e motivador de letramento crítico, que informe e fortaleça escolhas e, ao mesmo tempo, privilegie a negociação de significados entre grupos culturalmente diferentes.

1. ASPECTOS DO LETRAMENTO VISUAL

A perspectiva tradicional de letramento como habilidade de leitura e escrita vem se remodelando com o passar dos anos. O paradigma lingüístico que, por longo tempo, caracterizou nossa sociedade ocidental busca agora flexibilizar suas fronteiras, na medida em que já não considera apenas saber ler, escrever, contar e memorizar em instâncias descontextualizadas, e geralmente em meio impresso, habilidades suficientes para o cidadão letrado. Na verdade, responder às demandas que a sociedade vem impondo a seus cidadãos exige, cada vez mais, um refinamento dessas habilidades, bem como o aditamento de outras.

Atualmente, por exemplo, a leitura de textos pressupõe do leitor a habilidade de entendê-los eficazmente, ou seja, saber compreender, analisar, avaliar e modificar situações nele presentes; inferir suas intenções, levantar hipóteses e produzir conclusões informadas acerca do que foi dito em suas linhas e entrelinhas, mesmo quando tais textos se apresentam na forma de gráficos, símbolos e ícones variados. De fato, conforme aponta Bentes (2004, p.1), há uma “necessidade de se ‘educar’ as pessoas para o contato com as informações veiculadas pelas diversas tecnologias audiovisuais: (...) as mídias precisam ser ‘lidas’, decodificadas (...). É preciso unir a preocupação com as letras ao ensino do audiovisual” para que se criem novas estruturas educacionais.

Em outras palavras, ampliamos o alcance do conceito de letramento e, mais precisamente, nosso entendimento do que seja ‘ler’, ao perceber que

- o conceito de texto ultrapassou o puramente linear e configura-se agora como multimodal (imagem, fotografia, gráficos, símbolos, etc.);
- o texto não existe sozinho – ao contrário, precisa contar com envolvimento contextual;
- relações sociais são criadas entre os elementos participantes do texto e de seu contexto.

Tais aspectos estão contemplados nos próprios documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998, p.7-8) quando, dentre os objetivos do ensino fundamental, estabelecem os de:

- utilizar as diferentes linguagens – verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais e culturais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas.

Também nessa mesma linha de raciocínio, o *Australian Council for Educational Research* (2004, p.8-9, minha tradução) reconhece que os novos letramentos considerados importantes para a era pós-moderna deveriam contemplar:

- a leitura de uma variedade de textos impressos ou não;
- o domínio das novas tecnologias e gerenciar informações;
- o envolvimento crítico com a mídia e outros textos.

Dessa forma, buscar a convergência do letramento visual aos estudos já existentes relativos à abordagem da leitura convencional (texto linear) encontra respaldo, em primeiro lugar, na proliferação, cada vez maior e mais constante, da imagem nos diversos setores de atividade, impulsionada pela Web e tecnologias afins. Macken-Horarik (2004) observa que os aprendizes, hoje já bastante acostumados com o uso dessas tecnologias, precisam agora “de acesso a ferramentas analíticas que tornem o potencial e o limite dessas modalidades mais aparentes e mais abertas a desafios e novos redesenhos da realidade”. (p.2, minha tradução).

De fato, como apontam Cartwright, 2001; Mirzoeff, 1999; Barnard, 2001 (*apud* Callow, 2005), estamos em plena era da ‘cultura do visual’ e, portanto, é preciso aprender a, no mínimo, ler, analisar e posicionar-se com relação à produção e consumo de textos visuais à semelhança do que fazemos com relação aos textos lineares tradicionais.

Em segundo lugar, a imposição de um paradigma contemporâneo, que tem nas imagens (fotografias, gráficos, sinais, mapas, placas de endereçamento, códigos postais, telas de terminais bancários, informações meteorológicas, tabelas nutricionais em rótulos, quadros

de embarque e desembarque em aeroportos / estações rodoviárias, etiquetas de roupas e outras ilustrações não-lineares) uma expansão do conceito de texto, demonstra uma forma alternativa de representação da realidade e da construção de significados. Logo, deveria também fazer parte do escrutínio questionador do currículo escolar.

O letramento que se impõe agora, por conseguinte, é de outra ordem. É um letramento crítico, que exige acesso, contextualização, argüição e transformação, procurando, na produção e no consumo de textos, em suas mais variadas formas, modos e explicações para as inter-relações sociais. Um dos questionamentos desse novo letramento envolveria como as imagens (e seus autores) modelam suas mensagens (Hobbs, 1996) e como nós, seus leitores, as interpretamos dentro do contexto histórico-sócio-cultural do qual participamos.

A inserção do visual no contexto desse novo letramento vem se dando mais ostensivamente em virtude das crescentes provocações que a tecnologia da informação proporciona, levando à necessária tentativa de se trazer os princípios que regem a comunicação visual para partilhar, junto com o viés lingüístico (e, às vezes, até substituindo-o), da arena educacional referente à leitura crítica de texto e de mundo.

Se acompanharmos a evolução dos anúncios publicitários, por exemplo, veremos que o visual, que sempre esteve presente, vem cada vez mais expandindo seu espaço no anúncio, chegando às vezes a tomá-lo quase que completamente em relação ao texto linear (Figuras 1, 2 & 3).



Figura 1 Pastilhas Valda

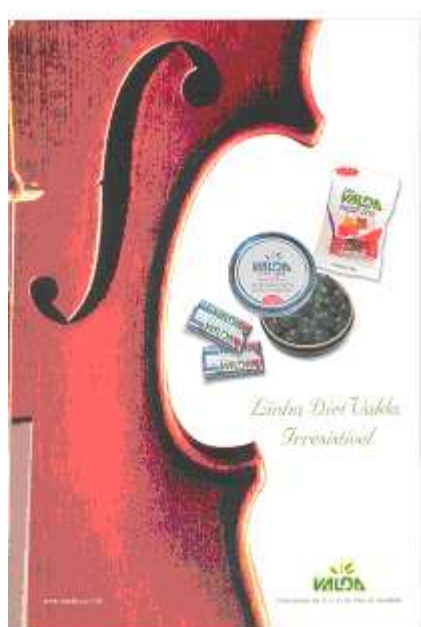


Figura 2 Pastilhas Valda

(In: Accioly et al., Marcas de Valor no Mercado Brasileiro, 2000, p.136-137)

Também no livro didático, conforme Belmiro (2000) enfatiza, as imagens foram usadas por longo tempo como:

- 1.indicadores do processo de “modernização”;
- 2.um meio de trazer para dentro da sala de aula linguagens renovadas que circulam no cotidiano das populações;
- 3.tradução didático-metodológica de um ponto de vista sobre as relações de ensino-aprendizagem da língua portuguesa e outras linguagens (p.12).



Figura 3. Anúncio de cerveja

Contudo, a mudança paradigmática dos novos letramentos elevou o texto visual de ferramenta resolvedora de ambigüidades do texto linear, de fornecedora de informações adicionais ou fonte de redundâncias, para o de ferramenta criadora de canais informacionais, com conceitos e estratégias próprios e variados, que irão adequar-se a estilos de aprendizagem também diversos, bem como a outras tantas diferenças individuais de seus usuários.

É exatamente assim que Kress & van Leeuwen (2001) parecem entender o espaço que a comunicação por meio de imagens ocupa na prática discursiva:

As práticas comunicativas consistem na escolha de modos de realizações que sejam adequados a objetivos, audiências e ocasiões textuais específicos (...). Isso requer a escolha de materiais e modos que, por razões histórico-culturais e de proveniência, ou por razões da história do próprio indivíduo podem (re-)articular melhor os discursos em jogo em um determinado momento. (p. 39-31, minha tradução)

Segundo a literatura mencionada em Callow (2005), o letramento visual “é a habilidade de ler”, interpretar e entender a informação apresentada em imagens pictóricas ou gráficas”. Stokes (2002), por outro lado, ao fazer a revisão de literatura da pesquisa acerca do conceito de letramento visual, define-o como “a habilidade de interpretar imagens, como também produzi-las, para comunicar idéias e conceitos” (p. 10, minha tradução), o que incluiria pensar, aprender e expressar-se em termos de imagens. Assim, de acordo com a literatura, uma pessoa visualmente letrada seria capaz de:

- Interpretar, entender e apreciar o significado de mensagens visuais.
- Comunicar-se mais eficazmente aplicando os princípios e conceitos básicos do design visual.
- Produzir mensagens visuais usando computadores e outras tecnologias.
- Usar o pensamento visual para criar soluções para problemas.

Do mesmo modo que impomos juízos de valor, coerência e organização textual ao discurso impresso, e com esses elementos esperamos estar comunicando, via texto escrito, representações socialmente produzidas, também podemos fazê-lo por outros modos com o uso dos recursos visuais apropriados, associados a contextos pertinentes e conhecimento prévio já construído.

Com efeito, a exemplo do texto impresso, também o texto visual proporciona inter-relações discursivas utilizando elementos tais como ângulos, formas, espaço, luz, cor, textura, consistência, organização, unidade, etc. associados a determinado conhecimento de mundo para comunicar mensagens, dar-lhes coerência, eficácia, significado e valor.

O currículo escolar precisa privilegiar oportunidades para que o aluno possa aprender a identificar características importantes da comunicação visual que, à maneira do letramento textual tradicional, possa apontar e descrever “significados entendidos como emotivos, afetivos, estéticos, bem como aqueles tidos como racionais, lógicos, ideacionais” (Kress & van Leeuwen, 2001, p.28, minha tradução).

Segundo Hobbs (1996), tanto para o letramento puramente convencional quanto para o visual, valem habilidades básicas do tipo:

- avaliação acerca do significado da mensagem;
- uso de conhecimento prévio para auxiliar na interpretação de um trabalho;
- previsão de possíveis resultados ou conclusões;
- identificação de valores na mensagem; e
- apreciação da qualidade estética de um trabalho.

Outras habilidades, mais elaboradas, são utilizadas para avaliar o nível de credibilidade do trabalho em foco: como se insere no mundo real; que contextos sociais o justificam; que relações de poder estão em ação; e que vozes são ouvidas. Essa é a função do letramento crítico.

Tais habilidades estariam inseridas nas três dimensões de letramento propostas por Green (Apud.Callow, 2005) na década de oitenta e atualizadas no início desta década: a dimensão operacional; a cultural e a crítica (Figura 4).

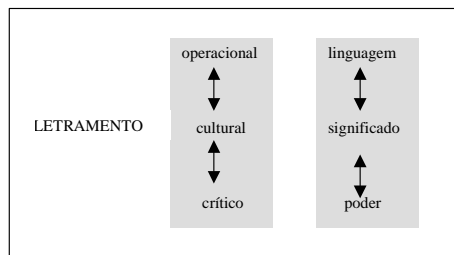


Figura 4. As dimensões do letramento (Green, In: J.Callow, 2005, p. 12. Minha tradução)

Esse modelo encontra paralelo nas três meta-funções (ideacional, interpessoal e textual) da abordagem Sistêmico-Funcional, de Halliday, também inspiradora da Semiótica Visual, de Kress & van Leeuwen (1996). Na Figura 5, apresentamos um resumo de como as representações visuais se estruturam segundo o modelo de K&vL:

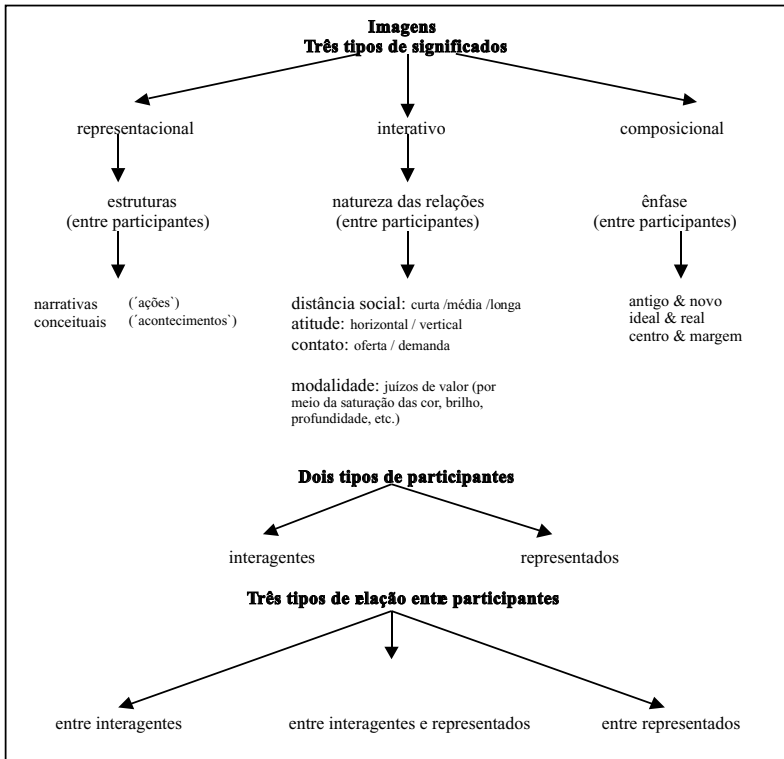


Figura 5. Como as imagens expressam significado (resumo com base na Teoria da Semiótica Visual de K&vL, 1996).

Alguns dos aspectos que perpassam a análise de imagens segundo cada grupamento desse tríptico são:

- ❖ O quê está sendo mostrado na imagem para...
 - ...representar a natureza do evento, os participantes envolvidos e as circunstâncias.
 - (Vide Lemke, Halliday, Green)
 - Representacional (de eventos, participantes e circunstâncias)
 - Meta-função ideacional
 - Dimensão operacional
 - ...representar a relação entre os elementos da imagem e entre esses elementos e o espectador visando a...
 - ...criar determinada atmosfera (uso de cores e luzes)
 - ...criar 'drama' (ângulos específicos)
 - ...criar estilo (uso de fontes específicas)
 - Interativo (contato/distância social/atitude)
 - Meta-função interpessoal.
 - Dimensão cultural

- ❖ O que significam tais escolhas e como influenciam nossas representações de mundo para...
 - criar qualificações para as relações entre os participantes (mais poderoso, mais sexy, mais inteligente, etc.)
 - Interativo (contato/distância social/atitude)
 - Meta-função interpessoal.
 - Dimensão cultural

- ❖ Como tais informações são organizadas na imagem para...
 - criar valores informacionais específicos acerca de quem decide, sobre quais representações, e como tais representações devem ser posicionadas no contexto social como as mais desejadas ou necessárias.
 - Composicional: ênfase relativa entre os diferentes elementos da imagem
 - Meta-função textual.
 - Dimensão crítica

Segundo Heinich et al. (Apud Stokes, 2002, p.13), duas principais abordagens são sugeridas para o desenvolvimento das habilidades de letramento visual. A primeira envolveria “ajudar o aluno a ler ou decodificar elementos visuais por meio da prática de técnicas de análise”. Segundo indica Stokes, a decodificação é definida como “a interpretação e criação de significados a partir de estímulos visuais” (*ibid.*). A segunda abordagem seria ajudar o aluno a escrever e codificar elementos visuais e criar significados como uma ferramenta para a comunicação.

Seguindo os pressupostos estabelecidos na literatura e, mais especificamente, aquele mencionado na primeira das abordagens de Heinich et al. acima, é que procedemos à análise da imagem (Anexo 1) jornalística apresentada neste trabalho. Tal análise seria uma forma de praticar a metalinguagem da abordagem do letramento crítico associado às possibilidades de construção de significados dentro do texto visual, conforme sugerido na Fig. 5. Para tanto, utilizamos basicamente a terminologia proposta pela semiótica social de K&vL, procurando identificar a presença de marcadores interativos entre 1) interagentes; 2) entre interagentes e representados; e 3) entre representados. Buscamos também apontar que tipo de narrativas são explicitadas (ou seja, as ações, eventos, processos, etc.) entre participantes; identificar tipos de participantes: mais importantes, menos importantes e como são marcados (cor, posição no cenário, ângulo de apresentação, etc.).

Em outras palavras, buscamos as representações interativas entre os participantes do cenário visual, as quais são identificadas com base nas seguintes dimensões: contato (oferta e demanda), distância social (proximidade e distanciamento) e atitude (ângulo de visão: horizontal e vertical, indicando envolvimento, afastamento, poder e igualdade); modalidade (juízos de valor marcados basicamente por nuances de cor – saturação, contraste, brilho, etc. e indicando o nível de realismo com que a imagem representa o mundo).

Finalmente, procuramos observar o aspecto composicional, ou seja, que ênfase informacional é dada aos elementos participantes de acordo com seu posicionamento na imagem (direita, esquerda, topo, pé, centro e margem), ou seja, informação nova versus antiga, nível de importância (primeiro plano ou fundo), etc.

2. ANÁLISE DE IMAGEM

A imagem (Anexo 1) apresentada aqui foi citada em outro artigo (Oliveira, 2006) como ilustração de um projeto, cujo objetivo era o de incentivar a prática da leitura em outros meios e sob outras representações que não a do texto escrito. Naquele momento, buscávamos introduzir apenas alguns itens básicos da terminologia e do fazer do letramento crítico no contexto visual e trabalhávamos especificamente com a identificação de ‘tendenciosidade’ do fotojornalismo contemporâneo. Assim, aspectos como ‘poder’, ‘tendenciosidade’, ‘envolvimento entre personagens’, ‘posicionamento do fotógrafo’, ‘valor das cores’ foram introduzidos e discutidos, embora de maneira bastante panorâmica, visando à internalização de uma definição mais ampla de ‘texto’, bem como a desenvolver habilidades básicas e não lineares de leitura crítica aplicadas ao texto visual.

Aos alunos foi dada ampla liberdade para escolherem imagens provenientes de mídia impressa ou eletrônica. O foco no ‘foto-jornalismo’ se justificou pelo fato de que talvez represente o gênero informacional visual mais difundido, penetrante e ideologicamente engajado na sociedade ocidental em geral e na sociedade brasileira em particular, tendo forte apelo entre os alunos de maneira geral.

No atual contexto, continua válida a justificativa para a utilização do gênero ‘foto-jornalismo’ apresentada acima, porém a foto muda seu status: se, antes, era coadjuvante, agora passa a ser o foco central de nossa análise, na qual aprofundamos os conceitos propostos pela literatura aqui introduzida.

A. Créditos

Gênero: foto-jornalismo

Veículo: Folha Imagem - online (2004)

Autor da foto: Ana Carolina Fernandes

B. Aspectos abordados

Os aspectos abordados estão, muitas vezes, mesclados, já que o significado geral da imagem impõe sobreposições entre os diversos elementos representacionais e composicionais. São os seguintes os aspectos abordados:

- *Descrição geral da imagem*

Cena de rua em bairro de periferia (a legenda informa que a cena é na favela da Rocinha-RJ). Botequim (piso sujo e mal conservado), paredes sujas, cuja pintura aparece em tons já desbotados. Lixo empilhado na calçada. Na porta, centro da imagem, há um cartaz anunciando uma determinada marca de cerveja. A moça do cartaz, em trajes sumários, segura uma lata de cerveja e o olhar está voltado para os observadores (passantes). De cada lado do cartaz há um policial uniformizado, empunhando metralhadora. Ambos estão olhando o cartaz enquanto a legenda diz: “*policiais mantêm patrulhamento na favela da Rocinha*”.

- *Significado representacional*

Interagentes: apresentam-se dentro de uma estrutura narrativa transacional, ou seja, estão fazendo coisas cujo alvo são os outros interagentes da imagem e vice-versa. No caso da imagem sob análise, cada um representa posições no contexto social, explícita ou implicitamente, e deles espera-se algum tipo de ação compatível. Assim, vejamos:

- dois policiais (o sistema de segurança governamental);
- a moça do cartaz publicitário (as forças de mercado);
- os passantes (população);
- o jornalista; o foto-jornalista (produtores de bens/serviços);
- os leitores do jornal (consumidores de bens/serviços).

- *Significado interacional*

- 1) Sistema de contato

√De acordo com K&vL, o sistema de contato tem a ver com o gestual ou expressão facial dos interagentes, que ofertariam ou demandariam (como se fossem setas– vetores–apontadas para uma direção) algo de outro (alvo). No caso em análise, os dois policiais, participantes explícitos e internos à imagem, estão postados em cada lado do cartaz e têm os rostos voltados para o centro, onde o cartaz está colocado. Olham diretamente para o cartaz, em posição de demanda em relação à bebida ou à moça retratada no cartaz.

√A moça, no centro da composição do cartaz, é o alvo da interação em andamento entre policiais e cartaz. Contudo, ela não participa dessa interação iniciada pelos policiais. Ao contrário, afasta-se deles e olha os passantes. Seu olhar é um tanto oblíquo. Sorri e parece ofertar a cerveja (e algo mais?) aos passantes, os quais não estão presentes no enquadramento. A interação, então, se dá 1) entre a moça e os passantes; e 2) entre a moça e os leitores do jornal.

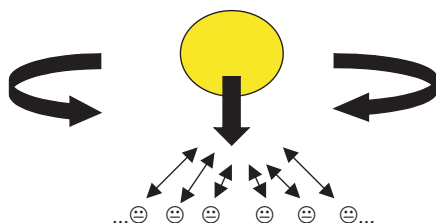


Figura 6. Desenho esquemático das relações estabelecidas entre participantes na imagem analisada.

√ Participantes representados (não interagentes): o bar e a vizinhança.

Outros participantes não representados, mas potencialmente interagentes:

√ Os passantes (espectadores do cartaz): participantes externos implícitos.

√ O jornalista, autor da matéria: participante externo implícito.

√ Foto-jornalista, autor da imagem: participante externo implícito.

√ Leitores do jornal: participantes externos implícitos

2) Distância

A foto foi tirada de média distância. Os policiais aparecem de corpo inteiro e de pé. Indicam uma proximidade com os passantes; o cartaz, um pouco mais ao fundo, retrata, por sua vez, uma moça sentada em pose sensual, em trajes sumários. O cartaz está colocado no meio dos dois. Sua imagem é colorida, atraente, contrastando com os dois policiais, cujos uniformes são escuros e cobrem-lhes completamente o corpo. É quase uma estética tenebrista pós-moderna, criando a oposição claro-escuro que leva a qualificações dicotômicas do tipo 'interessante' versus 'desinteressante', 'atraente' versus 'assustador', 'prazer' versus 'dor', etc.

3) Atitude

Posição frontal dos três participantes, o que representa envolvimento, embora com elementos diferentes: os policiais se envolvem com a moça do cartaz. Provavelmente a estão admirando; esta se envolve com os passantes, em explícita atitude de provocação e oferta.

A atitude dos policiais em relação ao cartaz poderia conotar o efetivo e progressivo distanciamento do Estado de suas funções primordiais (segurança, infra-estrutura, educação, etc.). A da moça, a atração que o mercado exerce sobre a sociedade, impondo um consumismo cada vez mais exagerado de bens e serviços.

Os passantes não aparecem na imagem. Essa ausência poderia conotar a constante desimportância atribuída pelo Estado às populações mais carentes. A falta de passantes poderia sinalizar também o sentimento que a polícia despertaria nos moradores: medo em vez de confiança. Afinal, sabemos que é comum a população se esconder em seus barracos quando os policiais chegam à favela para fazer batidas em busca de traficantes.

Os leitores do jornal, pessoas intelectualmente mais privilegiadas, e participantes implícitos externos do contexto, provavelmente envolvem-se com a triangulação ‘policiais-moça-passantes’ ao questionar a metáfora que o contraste oferece: o que a população precisa numa favela e o que o sistema oferece. A composição total (imagem + legenda) demandaria, portanto, um questionamento (resposta da sociedade à imagem-situação) mais amplo: como cidadãos de um país, o que queremos, do que precisamos e o que nos é oferecido pelo poder público?

- *Significado composicional*

A organização da imagem tem uma composição central: a ênfase está no cartaz – que ocupa o centro da foto – e, mais provavelmente, na moça. Os policiais criam o equilíbrio composicional nas laterais – são marginais – levando os leitores a pensarem num (des-) arranjo social mais amplo, marcado pelo desvio de função, tão comum no sistema de segurança brasileiro.

De fato, a convivência do Estado com o sub-mundo da contravenção e da delinquência é notória e está presente nas manchetes da mídia quase que diariamente. Policiais são apanhados fazendo ‘bico’ como seguranças de casas noturnas, como guarda-costas de artistas e de empresários; estão envolvidos com tráfico de drogas, roubo de veículos, chacinas, caixinha, suborno e chantagem. A foto permite ao leitor fazer ilações sobre a promiscuidade entre o legal e o ilegal, entre o público e o privado – aspectos que enfraquecem o sistema, levam à corrupção generalizada e diminuem sua credibilidade.

- *Relações estabelecidas entre participantes*

As relações envolvem a imagem em si e seus participantes, ambiente explícito e contexto histórico-político-social implícito. Essas relações seriam mediadas e essa mediação é conduzida pelo cartaz e seus elementos: a moça e o produto anunciado. Poderíamos “ler” essa aparente mediação em curso da seguinte maneira: o sistema de segurança (polícia) de uma cidade como o Rio de Janeiro passa (depende) pela mão invisível de outras forças (o mercado – representado pela publicidade do cartaz; a política local e até a contravenção).

Sabemos que tal sistema enfrenta denúncias de corrupção (na imagem, os policiais desviam o olhar do patrulhamento para o cartaz), parte de um processo histórico-cultural mais amplo de promiscuidade entre o Público e o Privado, entre o oficial e o paralelo, entre a legalidade e a transgressão, onde os desvios de conduta são tolerados e já fazem parte dos procedimentos burocráticos e até lingüísticos. Por exemplo, expressões correntes como *dar um jeito, quebrar um galho, jogo de cintura, na faixa*, são marcadores importantes da presença naturalizada da promiscuidade e cooptação no vocabulário popular reproduzido

pela maioria dos cidadãos quando procura driblar, mesmo que ingenuamente, o sistema de regras e normas da sociedade.

C. Violações

Aqui, chamamos de violações as relações dialógicas incongruentes ou interrompidas verificadas no texto em análise.

1) Palavra-chave: a primeira violação diz respeito à não correspondência entre a palavra-chave do texto linear (legenda, cuja palavra-chave é “patrulhamento”) e seu potencial correspondente (linguagem corporal dos policiais na imagem), desfazendo a mensagem pretendida.

2) Narrativa interrompida: Uma segunda violação refere-se à não correspondência entre a legenda e o foco central da imagem (a moça em trajes sumários). Ou seja, o que o discurso oficial declara e o que a realidade demonstra.

O cartaz com a moça vendendo uma marca de cerveja é, portanto, o elemento que “viola” a narrativa transacional esperada entre população-Estado, tanto explicitamente (o cumprimento de uma tarefa: o patrulhamento em rua de uma favela), quanto implicitamente (a capacidade do poder público para prover segurança à população). Em suma, o cartaz “interrompe” tal narrativa como se fosse o elemento-surpresa que desvia a natureza narrativa convencional da imagem e insere um questionamento acerca da credibilidade do poder público naquele contexto e, quem sabe, das instituições públicas brasileiras em geral.

3) Ideal versus real: O que se segue como terceira violação, em decorrência da anterior, seria exatamente a incongruência em torno da total desvinculação do que se espera que as instituições (representadas pelos soldados) ofereçam (segurança) – *o ideal* – e o que o Estado está preparado para fazer ou quer fazer – *o real*. De fato, há uma aparente submissão do aparelho estatal às benesses oferecidas pela sociedade de consumo, em atividades lícitas ou não (é bastante emblemática a postura dos policiais atraídos pelo marketing, pelo apelo erótico construído pela publicidade, pelos bens de consumo que gostariam de possuir (a cerveja, a mulher e tudo o mais que vem a reboque).

3. CONCLUSÃO

Sabemos que imagens não existem ou falam por si. Sabemos que imagens são, sim, fruto de escolhas e essas escolhas são direcionadas pelo modo como pensamos e no que acreditamos. Ou seja, estamos falando em ideologia – seja a do fotógrafo, seja a do editor do jornal, seja a dos leitores.

Será que nossos alunos reconhecem implicações desse tipo ao lerem uma imagem de jornal? Será que precisam fazê-lo? A resposta talvez seja, respectivamente, ‘provavelmente não’ e ‘provavelmente sim’. De fato, ainda é bastante incipiente a presença de pressupostos

relativos ao letramento visual no currículo escolar das escolas brasileiras. Isso explica por que nossos alunos não reconhecem, por exemplo, as imagens como representações textuais e, muito menos, alcançam outros entendimentos mais elaborados acerca de tais imagens. Por outro lado, eles certamente precisam ser conscientizados para identificar o papel que a imagem desempenha em contextos variados, questionar a intenção do fotógrafo e como tal intenção se realiza por meio do uso de cores, enquadramento, posições, ângulos, e o que ele pretendeu comunicar com isso tudo, bem como a intenção que circunstancia a veiculação de tal imagem. Ou seja, haveria algum interesse ideológico, alguma crítica velada ao sistema como um todo? Em resumo, quem ganha e quem perde com a veiculação dessa imagem?

Finalmente, seria importante ainda mencionar a interessante associação entre a prospecção do letramento visual e os conceitos definidores do construtivismo apontados por Stokes (2002) em sua revisão de literatura. Sem dúvida, incentivar a aprendizagem baseada em processos ativos, contextualizada em ambientes sociais, utilizando a criatividade como porta aberta à motivação, conforme pregado pelo construtivismo, são princípios que podem perfeitamente se coadunar com a prática da análise crítica de textos não-lineares em sala de aula.

A inserção da pedagogia de projetos envolvendo aspectos de representações visuais no processo comunicativo midiático, por exemplo, seria uma opção proveitosa para agregar princípios construtivistas de contextualização social (na qual se oportunizem a identificação e transferência de conceitos, a interação entre pares, o engajamento e compromisso com tarefas), à prática de habilidades de compreensão e produção de textos visuais.

O uso de temáticas contemporâneas, como representações de gênero, tendenciosidade na linguagem jornalística (inclusive nas manchetes), a linguagem corporal, a linguagem e suas representações de poder em contextos midiáticos visuais (publicidade, foto-jornalismo político, as charges de cunho político, as representações gráficas de dados relativos a questões internacionais correntes) parecem exercer um forte apelo junto aos alunos e poderiam servir para incentivar e burilar os modos de questionar, de ver e entender o mundo, bem como de expressar posições.

Praticar a percepção de tais variáveis do processo comunicativo poderia instrumentalizar nossos alunos com contra-estratégias analíticas eficazes que lhes permitissem alcançar um entendimento mais abrangente dessa relação dialógica nem sempre equânime entre os diversos participantes da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACCIOLY, A.; ANDRADE, J. M. F.; VIEIRA, L. & DENIS, R. C. (2000). *Marcas de Valor no Mercado Brasileiro*. Rio de Janeiro: SENAC.
- AUSTRÁLIA. (2004). Australian Council for Educational Research. *Literacy in the new millennium*. Discussion Paper. Commonwealth of Australia..
- BENTES, I. (2004). Mesa redonda discute cinema e identidade nacional (notícia). In: *Site do Centro de Comunicação*, Universidade Federal de Minas Gerais, 06/10/2004. UFMG.

- BRASIL. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. 5a. a 8a. series. Língua Estrangeira. Brasília.
- CALLOW, J. (2005). Literacy and the visual: Broadening our vision. *English teaching: Practice and Critique*, vol. 4, nº1, p. 6-19.
- COPE, B.; KALANTZIS, M. (2000). *Multiliteracies*. London and New York: Routledge.
- HOBBS, R. (1996). *Expanding the concept of literacy*. Disponível em <http://www.interact.uoregon.edu/MediaLit/mlr/readings/articles/hobbs/expanding.html>. Acessado em 12/09/2002.
- KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. (2001). *Multimodal Discourse: The modes and media of contemporary communication*. London: Arnold.
- _____. (1996). *Reading images: The grammar of visual design*. London: Routledge.
- MACKEN-HORARIK, M. (2004). Interacting with the multimodal text: reflections on image and verbiage in ArtExpress. In: *Visual Communication*, v. 3, n. 1, p.5-26, London: Sage Publications.
- OLIVEIRA, S. (2006). Texto visual e leitura crítica: o dito, o omitido, o sugerido. *Linguagem e Ensino*, v.9, n.1, 9. p. 15-39.
- STOKES, S. (2002). Visual literacy in teaching and learning: A literature perspective. *Electronic Journal for the Integration of technology in Education*, vol. 1, nº1. Disponível em <http://eduscapes.com/sessions/digital/digital1.htm>. Acessado em 26/09/2005.

Anexo 1

FOTO: Folha Online

Ana Carolina Fernandes / Folha Imagem



Policiais mantêm patrulhamento na favela da Rocinha, no Rio

Recebido: 11/11/2005

Aceito: 29/05/2006